

# PEIXES PESCADOS E ESCULPIDOS: ZOOMORFOS E HALIÊUTICA NOS SAMBAQUIS DO SUL DO BRASIL

**Filipi Gomes de Pompeu**

Universidade Federal de Pelotas

**Gustavo Peretti Wagner**

Universidade Federal de Pelotas

**Lucas Antônio da Silva**

Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro

submissão: 04.07.2022 aprovação: 12.12.2022

## RESUMO

Este artigo versa sobre a presença e distribuição de esculturas zoomórficas (e antropomórficas) de estilo sambaquiano no Rio Grande do Sul e sua eventual relação com o conhecimento etnoictológico dos pescadores contemporâneos. A partir dessa perspectiva, acredita-se ser possível propor novas inferências na interpretação destas esculturas, na dinâmica da ocupação sambaqueira no estado e aferir uma continuidade da atividade humana com o ambiente litorâneo e os recursos costeiros.

**Palavras-chave:** Arqueologia, etnoarqueologia, zoomorfos, Rio Grande do Sul, sambaquis.

### CATCHED AND CARVED FISHES: ZOOMORPHS AND HALIEUTICS IN SAMBAQUIS IN SOUTHERN BRAZIL

### PECES CAPTURADOS Y TALLADOS: ZOO- MORFOS Y HALIÉUTICA EN SAMBAQUIS EN EL SUR DE BRASIL

#### ABSTRACT

#### RESUMEN

This paper is about the presence and distribution of zoomorphic (and anthropomorphic) sculptures of sambaquian style in Rio Grande do Sul and their relations with the ethnological knowledge of contemporary fisherman. From this perspective, it is believed that it is possible to propose new inferences on the interpretation of these sculptures and on the dynamics of sambaquian occupation in Rio Grande do Sul, as well assess the continuity of human activity in the littoral environment and coastal resources.

Este artículo trata sobre la presencia y distribución de esculturas zoomorfas (y antropomorfas) de estilo sambaquiano en Rio Grande do Sul y su eventual relación con el saber etnológico del pescador contemporáneo. Desde esta perspectiva, se cree que es posible proponer nuevas inferencias sobre la interpretación de estas esculturas, en la dinámica de ocupación sambaquiana en el Estado, y arriba acceder a una continuidad de la actividad humana con el medio litoral y los recursos costeros.

**Keywords:** Archaeology, ethnoarchaeology, zoomorphs, Rio Grande do Sul, sambaquis.

**Palabras clave:** Arqueología, etnoarqueología, zoomorfos, Rio Grande do Sul, sambaquíes.

## 1. INTRODUÇÃO

A partir dos estudos detalhados sobre a fauna presente nos sambaquis (Bandeira 1992, Figuti 1993, Hilbert 2011) foi evidenciada a importância dos peixes e outros animais aquáticos para a vida dos sambaquieiros. Do ponto de vista produtivo ficou explícito que se tratava de uma sociedade eminentemente pescadora, portanto, explorava o meio aquático e o concebia como um território para a reprodução de seu modo de vida (DeBlasis et al. 2021, Kneip et al. 2018, Silva & Gaspar 2019, 2022, Wagner & Silva 2013). De modo complementar, a associação dessa sociedade aos ambientes costeiros, e especialmente com as águas, sem dúvida influenciou suas crenças e ações no plano simbólico. A ritualização da morte (Gaspar et al. 2014, Klökler 2012, 2016) e todo o acompanhamento funerário associado aos corpos é, em sua maioria, de animais aquáticos, e também os objetos dialogam com os territórios fundamentalmente fluidos.

As esculturas líticas zoomórficas são uma das mais intrigantes categorias de artefatos dos sambaquis. Sua situação especial dentro da Arqueologia de sambaquis é paradigmática no sentido de ser um dos principais pilares ‘ideológicos’ da cultura sambaquiana, ajudando a estabelecer com alguma segurança parcialidades regionais dentro de um quadro cultural geral bem-delimitado – ao mesmo tempo que

é paradoxal em diversos outros aspectos como a crônica ausência de descrições *in loco*, cujos raros encontros costumam ser como mobília funerária ou em esconderijos por vezes quilômetros distantes do litoral e são contrastantes entre si. Outros meios de ambiguidade são a convivência espacial de esculturas altamente detalhadas com exemplos em que a forma animal é um mero vulto sugerido pelas silhuetas caprichosas dos seixos; e a indiscutível importância que a relação entre a anatomia animal e a cavidade quase sempre ventral estabelecem, conectando elementos escultóricos, anatômicos e, provavelmente, cosmológicos.

Essas características bastante ambivalentes entre o preciso e o inespecífico, o evidente e o duvidoso, e o visível e o invisível, sempre fizeram parte das suspeitas arqueológicas de modo velado nas pesquisas – ao menos nos sambaquis do Sul do Brasil, território tradicional das esculturas. O primeiro a citá-los, Charles Wiener, descreve uma arraia como uma forma de almofariz: “do que se chama hoje a arte aplicada a indústria” (Wiener 1876: 14), por exemplo. Mais de 50 anos depois de Wiener, Antonio Serrano estabeleceu suas fácies arqueológicas, caracterizando os zoomorfos como um elemento basal da parcela meridional do litoral sambaquiano (Serrano 1938: 38, 1940: 376)<sup>1</sup>. Castro Faria preparou o primeiro trabalho específico sobre zoomorfos a partir de 22 esculturas que estavam no Museu Nacional. O antropólogo é o primeiro a descrever e interpre-

<sup>1</sup>“Em 1885 Ladislau Netto, do Museu Nacional, apresentava uma primeira interpretação dos zoólitos, que seria mais tarde retomada por Antonio Serrano (1940)” (Tiburtius & Bigarella 1960: 6). Também é um antecessor do catálogo de Tiburtius e Bigarella por ser o primeiro a apresentar um conjunto de esculturas.

tar as esculturas e nota “um conhecimento seguro da morfologia dos respectivos grupos - peixes, aves, quelônios, cetáceos - como uma sensibilidade especial para a escolha dos elementos plasticamente mais expressivos” (Faria 1959: 6). Ele também apontou que os grupos de aves e peixes possuem mais esculturas, com quelônios (anfíbios) e mamíferos (terrestres) sendo menos numerosos. A maior parte de sua amostra é oriunda de Torres e, provavelmente, litoral Sul de Santa Catarina<sup>2</sup>, sem que houvesse, contanto, uma percepção de que talvez representassem também uma preferência local. Castro Faria ainda dividiria as esculturas de aves entre aquelas com asas abertas e em posição de repouso.

Apenas em 1968 essa relação distante entre os zoomorfos como elemento arqueológico fundamental da cultura sambaquiana e a existência de estilos regionais seria abreviada pela identificação elementar das tipologias platiforme e paquiforme por Oswaldo Cabral. Ele nota: “...a diferença existente entre este tipo de zoólitos, achatados, com uma cavidade excessivamente rasa, bem trabalhados sobre uma placa lítica, e os outros, grossos, cilindro-cônicos, paquiformes...” (Cabral 1968: 5). Há também a percepção de que as esculturas platiformes são fenômenos locais se comparados à dispersão dos exemplos paquiformes.

Quando um segundo arrolamento de esculturas foi publicado com um conjunto maior em quantidade e área de dispersão (Tiburtius & Bigarella 1960), ficou sublinhada a existência de uma

realidade sambaquiana que ia além das conchas e dos zoomorfos propriamente ditos. Esse potencial não foi desperdiçado, pelo contrário; na década de 1970 surgiram dois estudos que ainda não foram superados em seus resultados. O primeiro é um catálogo compilando 242 esculturas (Prous 1974); o segundo, que usa o anterior como anexo, é um estudo aprofundado sobre a natureza dos zoomorfos que comprovou a existência desta outra realidade analítica ao conseguir estabelecer conjecturas internas à estrutura até então indistinta das esculturas como um todo (Prous 1977). Os trabalhos mais recentes de Gomes (2012), Milheira (2005, 2014), Garcia (2018), Oricchio (2019) e Pompeu (2020) têm mantido o lume da pesquisa aceso.

As esculturas passaram a ser contempladas em dois grandes conjuntos que representam “artefatos padronizados expressando categorias mentais (Prous 2018: 202). Primeiramente, foi estipulado um sistema de graus de realismo que varia de 1 a 4, variando entre um animal taxonomicamente identificável (4); um animal que pode ser associado ao ar, terra ou água (3); um animal que tenha cabeça, parte posterior (cauda) e apêndices laterais, com presença variável de detalhes como olhos e boca (2); e (1), apenas volumes simples, mais ou menos regulares e apenas aludindo a um animal de forma geral, às vezes com olhos ou bocas/bicos (Prous 1977). O realismo pode ser global ou segmentário, atuando com detalhes apenas em um trecho específico – em geral, a cabeça.

As esculturas do grupo geométrico costumam ser criaturas bastante intangíveis; parece

<sup>2</sup>Onde consideramos de Imbituba para Sul.

que o interesse era maior no jogo da geometria, ao invés de manifestar uma silhueta de um animal específico – resultado de uma falta geral de isometria do bloco inicial. A cavidade, quando existe, costuma ser menor do que o contorno, às vezes ocorrendo cúpulas<sup>3</sup>. O realismo geral é baixo (graus 1 e 2<sup>4</sup>): olhos e/ou bicos/bocas minimalisticamente executados por incisões e percussão, com realismo de grau 3, privilegiando a cabeça. Esse ‘modo geral’ é desenvolvido nas tipologias cruciformes e nucleiformes de Prous, que abrigam subcategorias (A, B, C...) - cada uma com até cinco variedades. Essas esculturas contam com alta dispersão em todo o litoral e no interior (Prous 1974, 1977, 2018).

Entre as esculturas naturalistas, o realismo é global e os contornos e detalhes anatômicos sempre fazem alusão a um animal de um domínio específico da paisagem: ar, água ou terra, com uma certa quantidade de casos ambíguos entre si. São aves genéricas, quadrúpedes terrestres, peixes diversos e cetáceos – poderíamos adicionar entre eles os antropomorfos em geral e ao menos algumas esculturas de osso. A cavidade e suas características estão bastante subordinadas às normas específicas do conjunto: sobrelevados<sup>5</sup>, platiformes<sup>6</sup> e paquiformes<sup>7</sup>. Os detalhes anatô-

micos podem ser elaborados ao ponto de representarem sistemas dentro de sistemas, como é o caso dos platiformes de tipo A cujas nadadeiras fantásticas possuem progressão numérica entre a quantidade de raias em cada uma. Patas e dedos são diagnósticos para animais terrestres. A distribuição dessas esculturas de realismo esclarecido é bem mais restrita se comparada às esculturas geométricas (Imagem 1):

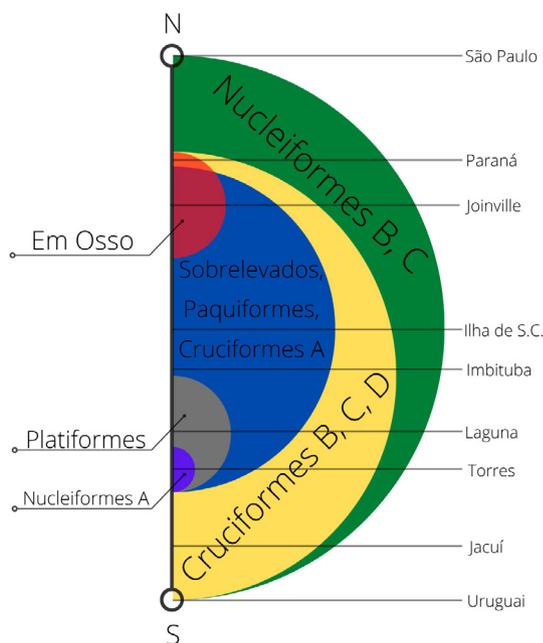


Imagem 1 - Distribuição das tipologias através do litoral brasileiro. Adaptado de Prous (1977).

<sup>3</sup>Uma depressão semi-esférica similar àquelas que caracterizam os artefatos comumente chamados de “quebra-coquinhos”: “Será dita cúpula toda depressão circular artificial cujas dimensões, em valor relativo ou absoluto, são inferiores àquelas de uma cavidade” (Prous 1977: 33).

<sup>4</sup>A exceção são os cruciformes C, cuja cabeça pode conter realismo segmentário de grau 3 (Prous 2015).

<sup>5</sup>Possuem um volume paralelo ao volume onde se esculpiu o animal e onde se localiza a cavidade.

<sup>6</sup>Blocos planificados, com uma cavidade rasa ao ponto do simbólico, geralmente no lado esquerdo do animal - sempre um peixe, até o momento.

<sup>7</sup>Similares aos nucleiformes, mas com simetria plena e alto grau de realismo, em geral. Podem ou não ter cavidade.

Prous (2007, 2015, 2018) tem afirmado que a distribuição das diferentes qualidades de zoomorfos denota uma forte identificação cultural balizada justamente na dualidade da interpretação da relação básica animal + cavidade:

...parte dos zoólitos (os da família geométrica) devia expressar crenças comuns que distinguiam seus produtores daqueles moradores dos sambaquis mais setentrionais, enquanto outros (os da família naturalista) expressariam a originalidade e os valores específicos de comunidades menores. (Prous 2018: 207).

Outra grande pesquisadora dos sambaquis é Madu Gaspar, que reiterou essa colocação:

As representations of entities belonging simultaneously to the material and spiritual worlds, zooliths may represent ancestors, founders, mythical culture heroes, or even deities of a shared cosmology. In the context of other broadly shared sambaqui patterns, their standardized style is commensurate with the emergence of a pan-regional ideology and adds to the impression of a unique and unified cultural expression along the entire southern coast. (Gaspar et al. 2008: 329).

## 2. RIO GRANDE DO SUL E A ESCOLA ESCULTÓRICA DE TORRES

O estado do Rio Grande do Sul é o trecho final da influência sambaquiana dentro das atuais fronteiras brasileiras. Embora os sítios pareçam reduzidos de tamanho quando comparados com os setentrionais, isto também se deve à menor disponibilidade de mariscos típicos do litoral recortado do Norte – no Sul, logo após Torres existem apenas campos de dunas móveis que não favorecem a concentração de colônias de bivalves tradicionais como *Anomalocardia* e *Ostrea*. Essa questão geográfica parece ter sido importante para os antigos sambaquianos, dado que em Torres se localizou uma das maiores oficinas de produção de zoomorfos de toda a região. Além de altamente prolífica, e talvez mesmo por causa disso, também dali são oriundas algumas das esculturas mais experimentais de todo o estilo artístico do litoral sambaquiano. Até o presente momento, para o estado, registraram-se 92 esculturas entre casos célebres, exemplares registrados e posteriormente desaparecidos e notícias<sup>8</sup>; divididas em regiões geomorfológicas (como demonstrado no quadro 1, abaixo):

<sup>8</sup> Ainda a serem publicadas, após confirmação de algumas notícias em esculturas propriamente descritas, a ocorrer no futuro. Esta é uma atualização regional para o catálogo de 1974.

Quadro 1 - Quantificação dos zoomorfos atualmente conhecidos e/ou noticiados para o estado do Rio Grande do Sul. Elaborado pelos autores (2022).

REGIÃO	QUANTIDADE
Torres (pertence à Itapeva-Quadros)	49
Sistema Lagunar Itapeva-Quadros (Norte) <sup>9</sup>	8
Serra Gaúcha	14
Sistema Lagunar Patos-Mirim (Sul)	10
Serra do Sudeste	2
Depressão Central	3
Campanha Gaúcha	1
Litoral (não especificado)	1
Rio Grande do Sul (não especificado)	4
Total	92

Mas ainda existem esculturas conhecidas que nutrem uma suspeitosa origem torrense. O município é uma referência antiga à Arqueologia brasileira – quando o afamado e vasto acervo do colecionador local Balbino de Freitas foi vendido para o Museu Paulista e para o Museu Nacional (Souza 2012<sup>10</sup>), há muito ele e outros interessados coletavam artefatos sambaquianos entre as dunas e casqueiros próximos. O arqueólogo argentino Antonio Serrano foi o primeiro a publicar estudos sobre a indústria local (Serrano 1937, 1940), muito embora arqueólogos amadores já registrassem com pesar a constante destruição do afamado sítio do Acampamento/Oficina Lítica que hoje está sepultado sob o asfalto da avenida Júlio de Castilhos (Ruschel 2003). Se tratava de uma

elevação dunar cercada de acúmulos conchíferos de pequeno porte com relativamente pouco material se comparados à elevação de matriz terrosa/dunar onde havia mais material:

De há muito a elevação vem sendo removida para extração de seixos rolados que ali se encontram em grande quantidade. Estes seixos foram, em grande parte, levados para o alto do montículo pelo indígena. Quando o visitei, nada menos de 10 toneladas haviam sido amontoadas e se destinavam ao campo de aviação da cidade. Casualmente comecei a remover os montões de pedras e em menos duma hora separei mais de 30 pedras com cavidades (...), três machados e vários percutores. A grande quantidade de peças inacabadas, cavacos e demais artefatos quebrados, indica que este lugar foi não só residência de antigo tapuias, mas também centro de suas atividades manuais. (Serrano, 1937: 5).

<sup>9</sup>Região do litoral gaúcho que abrange as lagoas citadas e todas as lagoas menores que estão associadas.

<sup>10</sup> A venda para o Museu Paulista foi adquirida pelo então curador Hermann von Ihering em algum momento durante a sua ocupação do cargo (entre 1894 e 1916); já os artefatos enviados para o Rio de Janeiro, que formariam a base da coleção sambaquiana do Museu Nacional, foram vendidos apenas em 1941, após longa deliberação entre outros envolvidos, pois Freitas faleceu em meados de 1930. Ainda seria vendida uma pequena parte para o Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre; e com certeza uma parte significativa foi vendida no varejo, segundo informa Souza (2012: 43), num estudo específico sobre a coleção.

Serrano (1937) ainda afirma que a coleção de Balbino de Freitas, rica em zoomorfos, foi 90% coletada dali. Dentro dessa contextualização duar algumas outras esculturas foram encontradas tanto em toda a extensão do retilíneo litoral gaúcho, como em trechos interiores da Lagoa dos Patos (Ribeiro et al. 2002); e mesmo serra acima (Ribeiro, Ribeiro & Silveira 1977) e pampas adentro (Paldaof 1899), esculturas de aves e peixes, bem longe dos sambaquis, em sítios votivos (Gomes 2012) e até dentro de casas subterâneas (Miller 1971 - ver Mapa 1). A variedade tipológica faz jus a tudo o que já havia sido “testado e aprovado” nos setentriões (Gráficos 1 e 2). Essa configuração regional ecoa, talvez por mera coincidência global, o próprio panorama local da distribuição de *loci* de evidências arqueológicas em Torres: “...a maioria das peças foi encontrada na areia, soltos ou muito distanciados dos sambaquis” (Souza 2012: 46).

Outra questão importante de Torres está na sua originalidade: a indústria local é tão característica que Prous pôde ser capaz de delimitar uma tipologia específica a partir das esculturas catalogadas para o município<sup>11</sup>. Os nucleiformes A pertencem ao grupo geométrico, já explicado anteriormente – suas características particulares são: núcleo de contorno ovoide com cavidades ausentes (ou esboçadas), foco na elaboração da parte anterior da escultura (em geral, a cabeça); apêndices, quando presentes, pouco elaborados e mais sugestivos que descritivos, e costumam favorecer a parte posterior e depois as laterais. As quatro variedades são subordinadas a essa lógica, sendo calculadas a partir da aplicação dessas características, variando de esculturas onde apenas a parte anterior/cabeça está delimitada (com restos de córtex em alguns casos, variedade 1) até uma aproximação suave com nucleiformes C a partir dos apêndices laterais melhor destacados do núcleo.

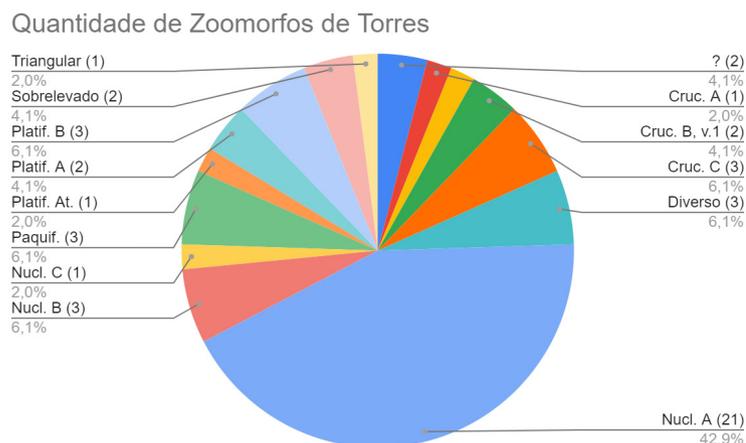


Gráfico 1 – Proporções entre as quantidades das diferentes tipologias de zoomorfos originários de Torres. “?” se refere a uma notícia de escultura. Elaborado pelos autores (2022).

<sup>11</sup> Salvo a escultura n. 165, coletada no sambaqui de Congonhas, litoral Sul de Santa Catarina (variedade 4), a única exceção até o momento.

## Quantidade de Zoomorfos Fora de Torres

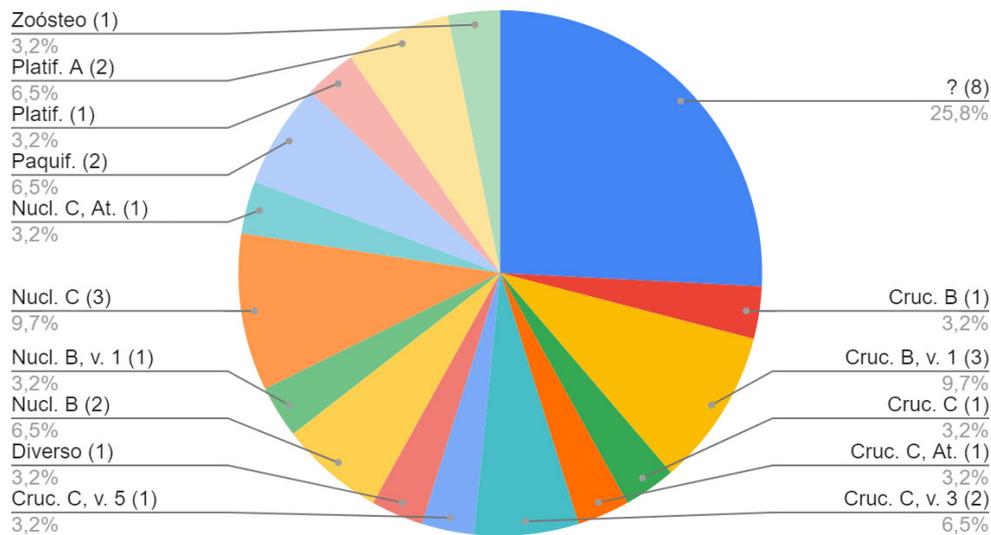
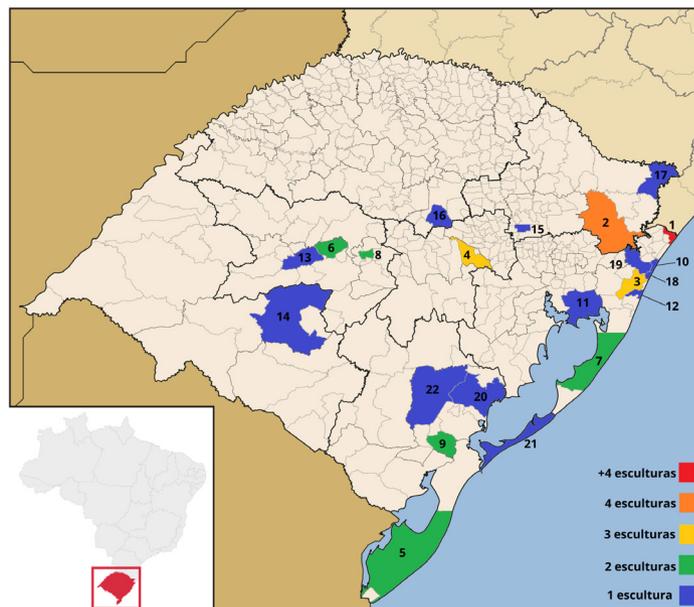


Gráfico 2 – Proporções entre as quantidades das diferentes tipologias de zoomorfos originárias extra-Torres. “?” se refere a uma notícia de escultura. Elaborado pelos autores (2022).



Mapa 1 - Distribuição de esculturas zoomórficas conhecidas para o estado do Rio Grande do Sul, inclui informações recentes e antigas por profissionais e amadores interessados. Adaptado de Abreu (2006)<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoSul\\_MesoMicroMunicip.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoSul_MesoMicroMunicip.svg).

Legenda:

- 1 - Torres
- 2 - São Francisco de Paula
- 3 - Osório
- 4 - Venâncio Aires
- 5 - Santa Vitória do Palma
- 6 - São Martinho da Serra
- 7 - Mostardas
- 8 - Faxinal do Soturno
- 9 - Capão do Leão
- 10 - Xangri-Lá
- 11 - Viamão
- 12 - Tramandaí
- 13 - São Pedro do Sul
- 14 - São Gabriel
- 15 - Garibaldi
- 16 - Barros Cassal
- 17 - São José dos Ausentes
- 18 - Capão da Canoa
- 19 - Maquiné
- 20 - São Lourenço do Sul
- 21 - São José do Norte
- 22 - Canguçu

Assim, para o presente estudo, interpretamos<sup>13</sup> vo é cruzar informações entre espécies pescadas e separamos todas as que apresentavam alguma espécies esculpidas, é necessário informar quais os afeição a peixes, cetáceos e sirênios, totalizando 27 resultados obtidos pela Zooarqueologia em sambaquis. Os sambaquis estudados são os sambaquis esculturas<sup>14</sup> de todo o estado. Como nosso objeti-

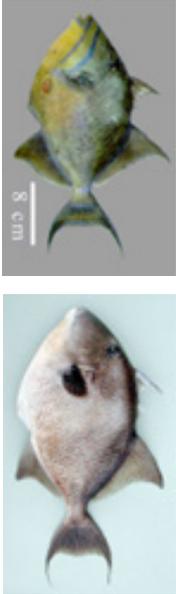
<sup>13</sup>A interpretação dos animais nas esculturas zoomórficas por si só rende um documento inteiro. Para os objetivos deste trabalho, consultamos o ictiólogo André Ferreira, da UFRGS, em 2018 para interpretar algumas esculturas da série a partir do viés profissional e taxonômico. Outras interpretações foram feitas de modo inconsistente por diversos colegas e amigos, a partir de imagens e discussões sobre as esculturas, na busca por interpretações cândidas que pudessem ser emuladas sem predisposições ou sugestões anteriores. Outras, ainda, foram resgatadas das fontes originais.

<sup>14</sup>n. 34, 35, 39, 45, 46, 48, 56, 75, 167, 174, 176, 192, 194, 199, 201, 227, 228, 229, 243, 245, 248, 253, 278, 279, 288 e 295. As numerações se referem àquelas do Catálogo Racional de Prous (1974). O catálogo para no n. 242, sendo os números seguintes uma atualização provisória que deverá ser atualizada em definitivo no futuro.

do Recreio, da Itapeva (ambos de Torres), da Dorva (em Três Cachoeiras) e o RS-AS-01 (Arroio do Sal) – que detêm entre si uma boa quantidade zoológico (Tocchetto 1987, Jacobus & Gil 1987, Gazzaneo, Jacobus & Momberger 1989, Rosa 1996, Hilbert 2010, Ricken et al. 2016).

Quadro 2 – Animais de afeição aquática pescados e esculpidos do Rio Grande do Sul

Nome	Animal	Esculpidos	Habitat/Localidade/Sítio (Qtd.)	Anatomia/Etologia	Alimentação	Migração/Reprodução
Arraia ( <i>Batoidea</i> )			<p>Estuários, litoral e alto mar, com preferência para o litoral. 0m a até o limite do alcance da placa costeira (200 km) de profundidade.</p> <p>N. 34 e 278 são de Torres, Oficina Lítica, nucleiformes A, v.1; n. 248 do sambaqui de Xangri-Lá, platiforme B.</p> <p>Sambaqui de Itapeva (NISP: 2)</p>	<p>ventre; algumas espécies contam com um esporão ósseo na cauda, podendo inocular veneno, outras possuem eletroreceptores de baixa voltagem. Natação por movimentos ondulatórios. Cromatóforos e mimetismo com o fundo da água. Se enterra parcialmente em fundos arenosos para se camuflar. Capaz de saltar fora da água.</p>	Crustáceos e moluscos bentônicos de fundo	Primavera/Verão
Bagre ( <i>Genidens cf. barbatus</i> )		Não há esculturas zoomórficas interpretadas como bagre.	<p>Águas doces salobras e salgadas, bentônico. Não habita muito além de 30m de profundidade.</p> <p>RS-AS-01 (NISP: 178) Sambaqui da Itapeva (NISP: 443) Sambaqui da Dorva (NISP: 13)</p>	<p>Peixe de couro, esporão-barbatana, venenoso (?), sem escamas, carne oleaginosa, barbilhões (bigodes) e machos levam os ovos na boca.</p>	Onívoro, preferência por crustáceos, como siris	<p>Inverno/Primavera (ago./dez.) para <i>G. barbatus</i></p> <p>Inverno/Verão (out./maio) para <i>G. genidens</i></p>

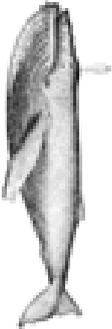
<p>Cangulo/ Peixe- -Porco (<i>Balistes capris- cus/ vetula</i>)</p>		 <p>nº 56</p>	<p>Marinho, arre- cifes, enseadas, entre 0-100m profundidade, geralmente 0-50m</p> <p>Platiforme A São Francisco de Paula, em abrigo sob rocha.</p> <p>Não há evidên- cias zooarqueo- lógicas deste peixe</p>	<p>Bilateral, cabeça triangular, nadadeira dorsal em forma de pena. Dentes apropriados para quebrar conchas de bivalves. Às vezes boia na superfície junto com algas e com os filhotes, os adultos guardam os ovos deposita- dos na areia até os filhotes nas- cerem, excelente pescado. Agres- sivo e resistente quando fígado, ele emite ruídos quando captu- rado, motivo de seu nome e pescadores tra- dicionais dizem compreender a “fala”. Associado diretamente à maré vermelha. Solitário ou pe- quenos grupos.</p>	<p>Bivalves, cracas (<i>Balanus sp.</i>), gastró- podes, crustá- ceos</p>	<p>Verão (nov./ mar.)</p>
<p>Cará (<i>Geopha- gus cf. brasili- ensis</i>)</p>		 <p>nº 35</p>	<p>Águas doces e salobras, bentopelágico, potamódromo, em profundidades rasas</p> <p>Platiforme A Torres, Acam- pamento/Para- deiro/Oficina Lítica</p> <p>Sambaqui da Dorva-Três Cachoeiras (NISP: 25)</p>	<p>Machos levam os ovos na cabeça, podem ter cores bem vivas, al- gumas espécies têm uma mancha nas laterais da cabeça e formam casais territoriais que defendem o ninho agressiva- mente.</p>	<p>Inverte- brados bentôni- cos</p>	<p>Prima- vera (set./ dez.)</p>

<p>Corvina (<i>Micro-pogonias</i> cf. <i>furnieri</i>)</p>		<p>Não há esculturas zoomórficas interpretadas como corvina</p>	<p>Peixe marinho, estuarino, demersal, oceanódromo, ? – 60m de profundidade, usualmente 20-30m, cardumes e berçário no fundo de estuários RS-AS-01 (NISP: 29) Sambaqui do Recreio (NISP: 10) Sambaqui da Itapeva (NISP: 152)</p>	<p>Prefere fundos de lama ou areia, “Ronca” fora d’água, estrias oblíquas escuras no dorso e laterais e indivíduos grandes tendem a dourado</p>	<p>Juvenis se alimentam de moluscos sésseis e peixes. Adultos, de bentônicos grandes tendem a ocasionais.</p>	<p>Outono</p>
<p>Jundiá (<i>Rhamdia</i> cf. <i>quelen</i>)</p>		<p>Não há esculturas zoomórficas interpretadas como jundiá</p>	<p>Em águas doces, 0-3m de profundidade; em riachos de corrente lenta, sobre fundos de serrapilheira acumulada ou/e entre troncos caídos.  Sambaqui do Recreio (NISP: 16) Sambaqui da Dorva (NISP: 1)</p>	<p>Peixe de couro, barbatana superior com esporão (potencialmente tóxico), preferência notívaga, em águas transparentes com correntes lentas, habita entre troncos caídos, longos bigodes característicos e fêmeas têm o dobro do tamanho dos machos</p>	<p>Organismos bentônicos móveis</p>	<p>Primavera/ Verão (ago./mar.)</p>
<p>Linguado (<i>Pleuronectiformes</i>)</p>			<p>Em águas marinhas, salobras e demersais, até 40m de prof.; em baías e estuários.  N. 243 originário de Torres, Oficina Lítica, plataforma B; n. 288 de Santa Vitória do Palmar, plataforma A.  RS-AS-01 (NISP: 6)</p>	<p>Morfologia característica, mimetismo por cromatóforos, se enterra em leitos arenosos, olhos podem ser do lado direito ou esquerdo. Bom pescado.</p>	<p>Crustáceos, moluscos, poliquetos.</p>	<p>Primavera/ Verão (out./abr.) para <i>P. orbignyanus</i></p>

<p>Miraguaia (<i>Pogonias cromis</i>)</p>		<p>Não há esculturas zoomórficas interpretadas como miraguaia.</p>	<p>Em águas marinhas e salobras, demersal, oceanódromo, profundidade 10-? m, até 40m de profundidade, sobre fundos arenosos e lodosos, em especial, junto a grandes desembocaduras de rios. Juvenis entram em estuários</p> <p>RS-AS-01 (NISP: 151) Sambaqui do Recreio (NISP: 1) Sambaqui da Itapeva (NISP: 34)</p>	<p>Forma cardumes, fica na posição vertical para se alimentar; às vezes a cauda sai da água por isso.</p>	<p>Crustáceos, moluscos e peixes</p>	<p>Inverno/ Verão (out./jan.)</p>
<p>Papa-Terra (<i>Menticirrhus cf. littoralis</i>)</p>		<p>Não há esculturas zoomórficas interpretadas como papa-terra.</p>	<p>Em águas marinhas, salobras e demersais - sobre fundos arenosos e lodosos, a partir de 10m da rebentação. Às vezes entra em estuários.</p> <p>RS-AS-01 (NISP: 33) Sambaqui do Recreio (NISP: 106) Sambaqui da Itapeva (NISP: 124).</p>	<p>Associado com áreas de rebentação, que coloca em suspensão o alimento. Territorial: faz buracos, põe ovos e defende o local em casais. Pequenos bigodes, escamas menores no ventre do que no dorso, é um bom pescado.</p>	<p>Crustáceos, poliquetos, outros pequenos bentônicos</p>	<p>Primavera/ Verão (set./mar.)</p>

<p>Pescada (<i>Cynoscion cf. jamaicensis</i>)</p>		<p>Não há esculturas zoomórficas interpretadas como pescada</p>	<p>Águas doces, marinhas e salobras, demersal, oceanódromo, 1-20m de profundidade, até 70m, cardumes, juvenis têm berçários restritos aos estuários e mangues (RS-AS-01). (NISP: 3) Sambaqui do Recreio (NISP: 23) Sambaqui da Itapeva (NISP: 5) Sambaqui da Dorva (NISP: 2)</p>	<p>Par de dentes agudos na frente da boca, juvenis formam cardumes, preferência notívaga, bom pescado</p>	<p>Peixes menores, siris, caranguejos, camarões</p>	<p>Verão (dez./mar.)</p>
<p>Prejereba (<i>LOBOTES cf. SURINAMENSIS</i>)</p>		 <p>nº 174</p>	<p>Em águas marinhas e salobras, bentopelágico, oceanódromo, baías, estuários e desembocaduras de rios Escultura originária de Torres, Oficina Lítica, platiforme A Não há evidências zooarqueológicas deste peixe.</p>	<p>Se deixa boiar na superfície como as folhas de mangue, próximo a objetos estacionários, juvenis nadam como folhas secas de mangue (<i>Rhizophora sp.</i>).</p>	<p>Crustáceos e bentônicos diversos. Afetado pela maré vermelha.</p>	<p>Primavera/Verão (out./mar.)</p>

<p>Sernambiguara/ Pampo (<i>Trachinotus cf. falcatus</i>)</p>		 <p>nº 48</p>	<p>Marinho, salobro, em arrecifes de 0-36m de profundidade, adultos em buracos ou canais nas pedras, junto aos costões, sobre fundos arenosos e às vezes lodosos. Jovens de preferência estuarina e manguezais. Durante o verão vão para as águas mais frias próximas à rebentação. Escultura originária de Torres, Oficina Lítica, platiforme A. Não há evidências zoológicas deste peixe.</p>	<p>Dimorfismo sexual, solitário (quando adulto) ou pequenos grupos, no verão, juvenis abundam em cardumes próximos à arrebentação em fundos arenosos, berçários longe da costa. Quando se alimenta próximo à superfície, pode elevar a barbatana dorsal para fora da água (referente a <i>T. "falcatus"</i>, "armado com foice"). Agressivo e resistente à captura. Associado ao ciclo lunar e a envenenamento por maré vermelha.</p>	<p>Quando jovem: crustáceos e pequenos peixes. Quando adulto: moluscos sésseis, crustáceos e gastrópodes</p>	<p>Para <i>T. marginatus</i>: Primavera/Verão <i>T. falcatus</i> Varia conforme a região: quanto mais ao Sul, maior é a duração da época de reprodução</p>
<p>Tainha (<i>Mugil cf. liza</i>)</p>		<p>Há uma escultura (sem cavidade) de tainha original de Itajaí, Santa Catarina (n. 127).</p>	<p>Marinho, salobro e oceanódromo, entra em estuários e desova no mar.</p> <p>RS-AS-01 (NISP: 8) Sambaqui do Recreio (NISP: 120) Sambaqui da Itapeva (NISP: 420) Sambaqui da Dorva (NISP: 1)</p>	<p>Forma cardumes migratórios visíveis: quando reduz a salinidade, sobem à superfície. Época e quantidade influenciadas por regime de chuvas, 6 a 10 listras longitudinais, bom pescado.</p>	<p>Algas e pequenos organismos</p>	<p>Outono/Inverno (maio/out.)</p>

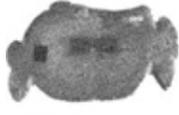
<p>Tubarão-Branco (<i>Carcharodon carcharias</i>)</p>		 <p>n° 253</p>	<p>Marinho, pelágico, solitário ou em pares, estuarino, oceanódromo e 0-1200m de profundidade. Encontrada em esconderijo Capão do Leão, junto com um cruciforme (n. 254), paquiiforme atípico ou diverso. Para Tubarão-Mangona (<i>Odontaspis taurus</i>): Sambaqui da Itapeva, NISP não contabilizado.</p>	<p>Maior tubarão do mundo, solitário ou em pares, associação com peixes oportunistas. Raramente entra em estuários. Ataque oportunístico contra humanos, confundidos com tartarugas, associados com rêmoras e outros peixes necrófagos.</p>	<p>Piscívoro, arraiais, cefalópodes, quelônios, animais próximos à água</p>	<p>?</p>
<p>Baleia (<i>Mysticeti: Eubalaena australis</i> - <i>Megaptera novaeangliae</i>)</p>		 <p>n° 167</p> <p>n° 176</p> <p>n° 192</p>	<p>Marinho, pelágico, solitário, pares e grupos.</p> <p>N. 176 (Paquiiforme) encontrado nas dunas de Tramandaí; os outros, em Torres, Oficina Lítica (167: Paquiiforme; 192: Sobrelevado).</p> <p>Sambaqui da Marambaia (NISP: 1<sup>15</sup>)</p>	<p>Respiradouro noticiável a distância. Pula para fora da água. Canto dos machos audível no acasalamento. Nadadeira dorsal típica (Jubarte - <i>Megaptera novaeangliae</i> - ver n. 176) ou dorso liso (<i>Eubalaena australis</i>). Dimorfismo sexual, boca angular, diferenças de desenho e tonalidade nas caudas são pertinentes a indivíduos específicos, associada com cracas e rêmoras, indivíduos mortos dão na praia e são uma grande reserva de biomassa e matéria-prima.</p>	<p>Krill e pequenos peixes</p>	<p>Outono/Primavera (jul./nov.)</p>

<sup>15</sup> Os autores encontraram pessoalmente um fragmento de costela sobre o sítio em visita presencial, por volta de 2014. O sítio se situa em Arroio do Sal.

<p>Baleia/ Lobo- -Ma- -rinho (<i>Otariidae/Mysticeti</i><sup>16</sup>)</p>			<p>Ambas esculturas encontradas em Torres, Oficina Lítica, n. 39 é um nucleiforme B, v. 2 e o n. 46 é um nucleiforme A, v. 4</p> <p>Sambaqui da Figueira (NISP: 1<sup>17</sup>)</p>	<p>Machos costumam ter pelos mais espessos na cabeça, como uma espécie de juba. Dimorfismo sexual, param para descansar, ou morrer, no litoral.</p>	<p>Peixes, cefalópodes, crustáceos, pinguins</p>	<p>Inverno</p>
<p>Peixe/ Ave</p>	<p>Não se aplica</p>		<p>? (Animal mítico)</p> <p>Todas as esculturas são de Torres, Oficina Lítica. Todas Nucleiformes A, v. 3</p>	<p>? (Animal mítico)</p>	<p>? (Animal mítico)</p>	<p>? (Animal mítico)</p>

<sup>16</sup> Nos remeteremos apenas às informações dos otarídeos aqui.

<sup>17</sup> Os autores, durante escavação do sítio, encontraram uma ossada quase inteira na base do sítio, associada a uma fogueira, em 2014.

"Peixe"	Não se aplica	<p>Notícia n. 75: "Sabemos também que o cidadão Francisco Furtado possui um outro zoolitho do Estado, representando a fôrma de um peixe" (Paldaof 1898: 346)</p>  <p>n° 194</p>  <p>n° 201</p>  <p>n° 279</p>  <p>n° 321</p>	<p>Não se aplica</p> <p>n. 194 e 201 de Torres; Platiformes B, Oficina Lítica.</p> <p>N. 279 (em osso) em algum lugar do interior do estado.</p> <p>n. 321, de São Pedro do Sul, próximo a uma antiga redução jesuítica do primeiro ciclo. Platiforme B.</p>	Não se aplica.	Não se aplica	Não se aplica
"Aquático"	Não se aplica	 <p>n° 45</p>  <p>n° 199</p> <p>Notícia n. 295: em xisto verde, desaparecida, poderia ter se tratado de uma moreia (<i>Anguilliformes</i> - animal com peçonha e capacidade elétrica) ou a um muçum d'água doce (<i>Synbranchus</i>)</p>	<p>n. 45 (um triangular) e n.199 (Platiforme B) oriundas de Torres, Oficina Lítica, n. 295 foi encontrado na Serra Gaúcha em local não determinado e tipologia diversa.</p>	<p>Apesar de serem esculturas alusivas à capacidades aquáticas, não é possível determinar com segurança nenhuma aproximação específica.</p>	Não se aplica	Não se aplica

Esculturas restantes: as esculturas n. 45 e n. 199 possuem afeições aquáticas, mas não é possível intuir ou deduzir a nenhum gênero ou comportamento – especialmente no segundo caso. A escultura de n. 295, desaparecida, poderia se referir a um réptil ofídio, mas também a uma mo-reia (*Anguilliformes*, um animal com peçonha e defesas elétricas) ou muçum (ex.: *Synbranchus*).

A escultura n. 295 era em xisto verde com tons cremes bastantes marcantes e similares à tainha paquiforme n. 127, longilínea, com três seções retas conectadas entre si por um ângulo de cerca de 30° a 45°. Uma ponta (cabeça) aplanada e a outra, rômbrica. Sem detalhes incluídos e com trechos onde restava córtex.

### 3. ARRAIAS E LINGUADOS PESCADOS E ESCULPIDOS

Arraias são peixes bastante diferenciados por sua forma corporal peculiar – mesmo para pessoas que não estudam animais aquáticos. Parentes dos tubarões e outros peixes cartilagineos (*Elasmobranchii*) diferem-se deles por possuir o corpo bastante achatado, com as fendas branquiais e a boca na parte ventral e os olhos e espiráculos<sup>18</sup> situados no topo do dorso. As nadadeiras laterais, na verdade, são peitorais, adaptadas à sua forma discoidal: as ondulações que produzem são a principal forma de deslocamento das arraias. Outra característica interessante são os dentes em forma de placas, elemento diagnóstico

para a Zooarqueologia, utilizados para quebrar conchas de crustáceos e moluscos bentônicos; mas há espécies que são onívoras, complementando ou preferindo plâncton. A reprodução é uterina e ovovivípara: as cascas de ovo com quatro pontas, de aspecto plástico, são comumente encontradas nas praias, trazidas pelas marés. Sabe-se que as cláspides, duas nadadeiras traseiras-ventrais modificadas são usadas para o macho agarrar a fêmea durante a cruza.

São animais de hábito ctônico e/ou bentônico assim como os animais que costumam se alimentar (crustáceos, poliquetos, anelídeos, moluscos e raros peixes), assim, o dorso costuma ser de tonalidade escura ou possuir manchas que auxiliem na mímese entre a areia, as pedras ou as folhas, dependendo da arraia e de onde ela vive. Quase sempre procuram se enterrar no fundo, deixando apenas os olhos para fora. Nesta posição estática, típica das arraias de ferrão<sup>19</sup>, qualquer movimento suspeito é respondido com uma estocada – seja um peixe ou um banhista a origem da perturbação. Já as espécies da ordem *Torpediniformes* não possuem ferrão, ausência essa compensada pela capacidade de inflingirem choques elétricos de baixa voltagem quando ameaçadas. Embora apenas em exceções se tratem de casos fatais para humanos e animais, o susto com certeza é grande, já que outras criaturas próximas também são atingidas pela energia elétrica que se dispersa livre através da água. Mas nem sempre se limitam ao fundo da água: as arraias que são

<sup>18</sup>Para respiração.

<sup>19</sup>Espécies não determinadas possuem mucosas na ponta do esporão que são tóxicas, embora raramente fatais.

capazes de complementar a dieta carnívora com plâncton marinho, abandonam o hábito do fundo e emergem para menores profundidades, não raro rompendo a superfície e realizando saltos visíveis a distância enquanto se alimentam dos seres microscópicos (Nelson, Grande & Wilson 2016, Laranjeiras 2020).

No Brasil, os gêneros *Aetobatus*, *Atlantaraja*, *Bathytoshia*, *Fontitrygon*, *Gymnura*, *Hypanus*, *Myliobatis*, *Narcine* (arraias elétricas), *Rhinoptera* e *Sympterygia* são chamados popularmente de arraia ou raia nas águas marinhas e salobras<sup>20</sup>. Os gêneros de água doce são *Paratrygon*, *Plesiotrygon* e *Potamotrygon*, também é notável o gênero *Mobula*, das grandes jamantas habitantes do alto-mar e das praias tropicais de águas mais aquecidas.

Por sua vez, os linguados são muito similares às arraias em suas formas corporais achatadas, por possuir dois olhos do mesmo lado do corpo e por ter o comportamento de se enterrar no fundo em busca de proteção ou de presas para se alimentar. Os linguados, ao contrário das arraias, preferem permanecer bentônicos, jamais indo muito longe do fundo e, às vezes, até por alguns quilômetros adentro nas placas continentais.

Sua forma planificada também tem uma origem diferente da das arraias: o peixe nasce bilateralmente simétrico, com natação vertical<sup>21</sup>; os olhos migram para um dos lados e o sentido do deslocamento se altera logo cedo no seu desenvolvimento<sup>22</sup>. Quando enterrado, os olhos ficam numa posição elevada, “semi-pedunculada” poderia se dizer, e possuem visão periférica total (Gibson, Stoner & Ryer 2015: 319<sup>23</sup>). Isso implica dizer que linguados possuem todas as características tanto no lado verso quanto no inverso, assim como que suas nadadeiras aparentemente laterais são, na verdade, dorsais e ventrais – mas também que nadadeiras laterais, dentes e escamas são menores no lado voltado para baixo no peixe, que passa a ser assimétrico na vida adulta. Essa assimetria é sugerida quando vista de cima pela posição da boca, que sempre permanece virada para o lado favorecido como superior. Outra diferença às arraias está no fato que os linguados são inofensivos aos humanos, e a boca pode ser vista em ambas as faces do animal.

É importante apontar que distinções entre gêneros taxonômicos são as vezes atribuídas na diferença sobre qual lado do corpo os olhos dos linguados se situam: se do lado esquerdo

<sup>20</sup>Não se trata de uma lista exaustiva, apenas ilustrativa pelo método: pesquisamos o nome popular arraia no banco de dados *FishBase* e listamos os gêneros ocorrentes para o Brasil. O mesmo ocorrerá com todas as espécies de peixes da análise.

<sup>21</sup>Como a dos cavalos-marinhos e pias de água doce (*Anastomidae sp.*; escultura platiforme B n. 9, de Imbituba, Sul de Santa Catarina). Para a reprodução entre adultos, o movimento volta a ser repetido, mesmo que apenas por alguns instantes (Gibson, Stoner & Ryan 2014: 317).

<sup>22</sup>Nelson, Grande e Wilson (2016: 395) afirmam que isso acontece quando os alevinos possuem entre 1 e 2,5cm de comprimento – sendo, portanto, uma mudança observável a olho nu.

<sup>23</sup>Com cada olho agindo independentemente, a visão binocular é limitada. Os autores salientam que parte das espécies não têm por base a caça visual, utilizando outros mecanismos para captar a presença de presas ou predadores eventuais (Nelson, Grande & Wilson 2016).

ou direito (Gibson, Stoner & Ryer 2015). Isto permitiria circunscrever gêneros particulares a zoomorfos específicos dado que a posição da cavidade em plataformas, embora favoreça as faces esquerdas dos peixes, também pode ser encontrada em raros casos destes (Prous 1977).

Há algumas espécies tanto de arraiais quanto de linguados que possuem cromatóforos na pele e são capazes de alterar a face dorsal imitando o padrão geralmente arenoso do fundo (Gibson 2015) – no caso de sedimento lodoso, basta ter o dorso em tons escuros profundos.

Para o litoral Sudeste-Sul brasileiro, encontramos 15 gêneros de linguados<sup>24</sup>, totalizando 31 espécies – desses, os gêneros *Achirus*, *Apionichthys*, *Catathyridium*, *Oncopterus* e *Trinectes*, são identificáveis por preferir o lado direito voltado para cima, enquanto os gêneros *Bothus*, *Chascanopsetta*, *Citharichthys*, *Cyclopsetta*, *Engyophrys*, *Etropus*, *Paralichthys*, *Syacium*, *Symphurus* e *Xystreurus* preferem o lado esquerdo.

As esculturas zoomórficas que são ou remetem a arraiais são raras, mas bastante expressivas. O primeiro zoomorfo a ter uma imagem publicada é a arraia n. 6, do catálogo de Prous (1977), encontrado no litoral Sul de Santa Catarina, no cerne da região produto

ra de plataformas, logo é de se esperar o alto grau de realismo presente na escultura, que já foi sugerida como pertencente aos gêneros *Rhinoptera* (Faria 1959: 8) e *Myliobatis* (Prous 1977: 16). Apesar de não ser originária de Torres, tomamos a liberdade de utilizá-la como referencial imagético para a interpretação de esculturas por conta de seu alto grau de realismo e pela proximidade prática entre Torres e o litoral Sul de Santa Catarina, cuja relação entre os povos sambaquianos na época deveria ser vívida e constante, como demonstram os zoomorfos encontrados na serra gaúcha. Abaixo procuramos demonstrar algumas inter-relações existentes entre as esculturas de arraiais e linguados na região de Torres a partir de algumas de suas características escultóricas, deve ser salientado que não se trata de uma linha do tempo, pois a primeira interpretação seria a que a arraia n. 6 antecederia todas as outras, assim como embasaria uma perspectiva degeneracionista sobre os sambaquis que há muito já foi abandonada - para sempre, esperamos (Serrano 1937: 42, Von Ihering 1904: 541, Menghin 1962). Assim, apenas nos serve para justificar nossa interpretação dessas esculturas como pertinentes a tais animais e apresentá-las de fato (Imagem 2).

<sup>24</sup>Ver nota 13.



O esquema acima apresenta a presença, distribuição e intercâmbio de atributos escultóricos/anatômicos entre as esculturas interpretáveis como arraias e/ou linguados. Como se vê, algumas esculturas de fora de nossa análise aquática estão presentes para balizar o traslado de informações – mas elas também pertencem a Torres ou ao estado do Rio Grande do Sul. A ideia é demonstrar que é possível o estabelecimento dessas relações pontuais de um modo geral, desde que haja esculturas o suficiente numa determinada região geográfica e/ou temática zoomórfica. No caso, não é possível determinar precedência desta ou daquela forma primeira, mas é visível que elas nutrem forte sinergia local, transcendendo a forma e, talvez, sugerindo um fluxo contínuo de trabalho que desafia as normas de escultura, pelo foco dado ao comportamento do animal frente ao bloco escolhido para conter a escultura.

#### 4. CETÁCEOS (BALEIAS, GOLFINHOS) E OTARÍDEOS

As baleias, presentes pontualmente no registro zoológico, mas com ao menos três esculturas identificadas com alguma segurança e outras duas (identificadas como *Otariidae*), trazem também esta ambiguidade. A de n. 192 se assemelha a um cetáceo, se os sulcos do animal esculpido fizerem menção aos sulcos mandibulares do animal-mesmo<sup>25</sup>, em simulação do movimento vertical de sair da água.

De fato, o maior animal de sangue quente da Terra não poderia passar despercebido aos habitantes do litoral: além de possuir características morfológicas distintivas (tamanho, forma da boca, função e posição do respiradouro, padrão de manchas na nadadeira caudal único para cada indivíduo da espécie), o seu encalhamento era motivo de comoção litorânea. Diversos sinais, como o cheiro, a visão do animal encalhado e as aves rapineiras – assim como provavelmente outros animais oportunistas – chamam a atenção para além da praia. Cansados ou doentes, é um tanto natural se esperar que alguns desses gigantes acabassem encalhando durante a longa jornada; e seu volume concede uma dádiva de alimento e matéria-prima. Embora a indústria de osso dos sambaquis em geral seja mais presente a partir do litoral central de Santa Catarina, a repetição do motivo nos zoomorfos indica que os cetáceos e otarídeos eram foco de atenção econômica e cosmológica deste povo. Há outros povos indígenas que também possuem íntima conexão com os recursos costeiros, representando o lado Pacífico (*Haida*, *Tsimshian* e outros) e o Atlântico (*Selk'nam*, *Kawésqar* e *Yahgan* da Patagônia), compartilham elementos nos seus mitos, causos de disputa com outros grupos e arte inspirada e materializada a partir destes animais (Gusinde 1951, 1990, Boas 1916, 2014).

#### 5. ANIMAIS ESCULPIDOS DE ESPÉCIES TAXONOMICAMENTE PRECISAS

<sup>25</sup> Sulcos paralelos existem nas esculturas n. 1 (*Balaenoptera*, de Imbituba) e n. 290 (Talvez um cachalote, *Odontoceti* – de Joinville). Agradecimentos à Tatiane Andaluzia da Silveira pela interpretação do segundo.

As esculturas de alto grau de realismo do estado do Rio Grande do Sul são poucas, mas bastante interessantes, isso porque quatro delas<sup>1</sup> representam peixes que compartilham entre si uma certa “tensão superficial”: tratam-se de animais que ou vivem ou nadam de modo horizontal por deriva evolutiva, idade ou estratégia de caça/defesa. Por exemplo, o pampo/sernambiguara costuma erguer a barbatana dorsal acima da água; comportamento associável ao do tubarão-branco n. 253 e da miraguaia (sendo que essa última ergue a barbatana caudal, por sua vez se associando ao conhecido movimento das baleias). Já o prejereba prefere nadar de lado na superfície da água quan-

do alevino, e quando adulto, boia misturado a objetos ou vegetação flutuante, assim como o cangulo, aparte da questão etária. A contraparte bentônica destes peixes, é, naturalmente, o linguado, que possui os dois lados anatômica-mente idênticos, salvo o lado superior, que porta os olhos. O pampo ainda poderia ser associado a este comportamento natatório superficial quando morto pela ação da maré vermelha, fenômeno ao qual está associado (junto com outros diversos animais marinhos). Existe mesmo uma correlação taxonômica moderna que aproxima os pampos dos linguados a partir da mudança de posição dos olhos, como se vê abaixo (Imagem 3):

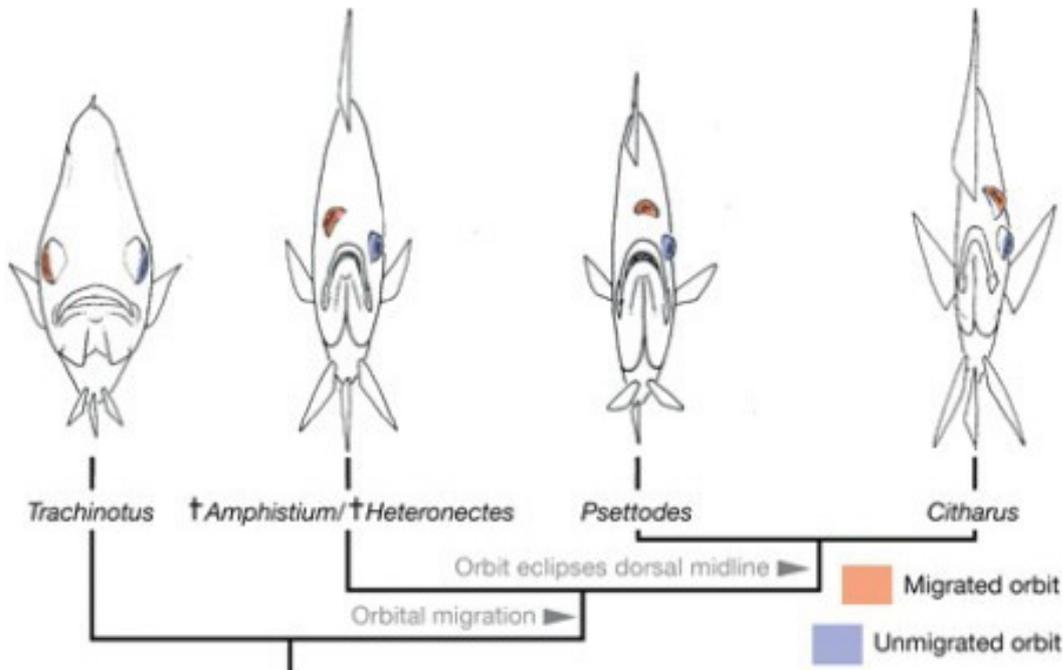


Imagem 3 – Correlação evolutiva entre *Trachinotus* e *Citharus* – um dos gêneros de linguados. Retirado de Friedman (2008).

<sup>26</sup> O pampo n. 48, o cangulo/peixe-porco n. 56, o prejereba n. 178 e o linguado n. 288 (ao qual se poderia adicionar o linguado n. 243, mas seu realismo é de grau 3).

A importância desse comportamento para a cosmologia sambaquiiana, ao menos no tocante aos platiformes, parece confirmada quando outras esculturas são pertinentes ao mesmo modo de deslocamento: o par n. 134 (*Pomacanthus* – Sul de Santa Catarina) nada de lado quando juvenil, mimetizando entre as folhas e utilizando a mesma estratégia do prejereba e, de certa forma, das arraias, linguados e miracéus<sup>27</sup> que se enterram na areia ou possuem cromatóforos de efeito camaleônico.

As outras duas esculturas são o cará bicéfalo n. 35 e o tubarão-branco n. 253, já citado acima. São esculturas atípicas já na questão do estilo, dado que o cará é bicéfalo entre macho e fêmea partindo da posição central da cavidade (que é a única dentre todos os zoomorfos a possuir cúpulas dentro dela – até o momento) e o tubarão-baleia, que incorpora elementos tecnotipológicos diversos das tipologias como cavidade grande de bordas sobrelevadas (a 2ª maior de todos conhecidos), contorno geral cruciforme, volume paquiforme e grau de realismo elevado – ausente em geral como a cavidade nos paquiformes. O grau de realismo elevado ainda é desafiado pela quantidade de guelras: um par a menos do que o peixe que conhecemos pela taxonomia ocidental (Ribeiro & Vooren 2002). O tubarão-branco, apesar de extremamente raro, é capaz de se aproximar da costa e atacar banhistas, que confunde com outras presas<sup>28</sup>.

## 6. ETNOGRAFIA DOS PESCADORES/SENSORIALIDADE

O indicativo de que os zoólitos dos sambaquis de Torres representam espécies de pouca ocorrência no registro faunístico dos sítios é um caminho interessante para iniciar. Quando se observa as comunidades de pescadores artesanais de pequena produção (Diegues 2004) da costa do Rio Grande do Sul, especialmente aquelas voltadas para a pesca nas lagoas, as espécies mais pescadas estão alinhadas com os peixes encontrados no registro faunístico dos sítios (Silva 2012, Wagner, Silva & Hilbert 2020). De modo geral, essa diferença entre peixes pescados e peixes representados nas esculturas pode estar associada a fatores como tabus alimentares, pouca disponibilidade das espécies representadas (o “exótico”) ou uma questão que envolva a própria territorialidade e/ou identidade desses antigos pescadores.

Neste caso, a partir de dados etnoarqueológicos (Silva 2012, 2015, 2018) é possível observar como a territorialidade, isto é, o uso, a apropriação e a gestão de pesqueiros - lugares de pesca - influencia diretamente nas pescarias. Associado às condições atmosféricas e as artes pescas utilizadas, os pesqueiros são lugares para a seleção de espécies pescadas. Mesmo que se trate de uma seleção relativa, já que a imprevisibilidade é um fator que se manifesta no modo de vida pescador, o pesqueiro sempre é referido como um lo-

<sup>27</sup> Escultura n. 25 (Prous 1974).

<sup>28</sup> Informação dada pela bióloga marinha Tatiane Andaluzia da Silveira (2018).

cal com potencial associado a uma ou mais espécies de peixes (Silva 2012, 2015).

Nesse sentido, mais do que representar espécies exóticas – se comparadas ao registro faunístico dos sítios arqueológicos – as esculturas poderiam indicar a visitação de lugares especiais, isto é, os pesqueiros que só poderiam ser acessados em condições materiais e atmosféricas muito específicas. Por exemplo, a pesca de espécies como as arraiais, tubarões; e mamíferos aquáticos como as baleias e lobos marinhos, poderia estar associada à visitação de pesqueiros acessíveis em condições de mar/vento mais calmos e a embarcações especializadas para cruzar a arrebentação. Por isso, as esculturas dessas espécies indicam a possibilidade de uma pesca ritualizada, voltada para práticas especializadas fora dos padrões de territorialidade do cotidiano. Portanto, não se trata aqui de reproduzir a ideia difundida de que essas espécies, especialmente as de maior porte como os tubarões e baleias, eram encontradas encalhadas nas praias. Pelo contrário, o que as esculturas sugerem, em conjunto com os dados etnoarqueológicos, é uma pesca específica, com a visitação de lugares pouco acessíveis no cotidiano, neste caso, o mar mais profundo. Os dados apresentados por Gilson e Lessa (2019), sobre a pesca em áreas de reprodução de tubarões – “berçários” – reforçam a essa hipótese do uso de pesqueiros especiais, visitados por condições e fenômenos que ocorrem em determinadas circunstâncias e épocas.

No caso contrário, quando o registro faunístico dos sítios e as espécies represen-

tadas nas esculturas são similares, é possível pensar por meio da compreensão existente na tradição dos grupos de pescadores, que divide o mundo entre terra e água e a partir disso, cria ordenamentos e classificações dos seres conforme os locais que os mesmos habitam. Segundo Da Silva (2000), os peixes são os seres mais classificados e ordenados nas sociedades pescadoras, pois a elaboração dessa complexa tipologia aproxima os pescadores aos próprios peixes, reforçando os vínculos entre seres da terra e da água. O reforço desse vínculo é visível nas comunidades de pescadores atuais pela utilização de analogias. Adomilli (2007) apresenta alguns exemplos dessa convergência, como entre o cação-martelo e uma “vaca boiada”, por conta da cabeça desse peixe ser semelhante a um par de chifres, ou em associações mais diretas, tais como o “peixe-galo” ou o “peixe sapo” e, por fim, o autor também menciona os lobos marinhos como “cachorros da água”. Nesse sentido, essas analogias ‘estéticas’ ou etológicas também podem indicar como as esculturas poderiam ser representações dessa conexão com a água e com um sistema de tipologias complexo das sociedades pescadoras dos sambaquis. Portanto, as representações, especialmente dos peixes de recorrência no registro arqueológico, poderiam ligar dois lugares – terra e água – estabelecendo essa conexão pelos peixes e seres do cotidiano.

Ainda que muito abrangente, a proposição de Castro-Faria (1959) sintetiza as duas hipóteses sobre as esculturas líticas:

Parece evidente que esta arte animalista (...), revela uma estreita familiaridade com a fauna litorânea regional (...). A identificação com o meio e a consequente exploração regular e sistemática dos seus recursos representaram de certo a motivação dessa escultura animalista. (Faria 1959: 14).

O uso, apropriação e gestão de pesqueiros 'especiais', isto é, acessíveis apenas em determinadas condições atmosféricas e com artepescas específicas, combinam-se com a constante associação dos pescadores aos seres da água. Portanto, de modo geral, as esculturas eram parte do conhecimento desses povos, sendo elas associadas ou não aos registros faunísticos dos sítios arqueológicos. Como sugere Da Silva (2000), esse conhecimento reúne o estender das capacidades humanas à natureza e, simultaneamente, a aceitação dos fenômenos indecifráveis da natureza. Com isso, pode-se concluir que os zoólitos são a materialização de uma complexa teia de acontecimentos que marcam o modo de vida pescador.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este esforço de pesquisa nasceu da compreensão de que os animais esculpidos não são os animais pescados, Wagner, Silva e Hilbert (2020) cruzaram os dados ictioarqueológicos de Hilbert (2010), com os dados etnoarqueológicos de Silva (2012, 2015, 2018) e a proposta interpretativa para o povoamento dos sambaquis de Wagner (2009a, 2009b) no intuito de compreender o lugar da pesca naquelas sociedades. Ficou claro que os peixes identificados, tais como cará, tai-

nha, miraguaia/burriquete, corvina, papa-terra e bagre são a base da alimentação nos sambaquis do Recreio, Dorva e Itapeva. Esses dados sugerem que a pesca se deu prioritariamente nas águas interiores, no Rosário de Lagoas do litoral Norte, acompanhada pela pesca de praia (indicada sobretudo pela presença significativa do papa-terra). A presença dos carás aponta também para pesqueiros em duas fozes significativas, rios Cardoso e Três Forquilhas, que descem aos saltos a encosta escarpada da Serra Geral e desaguam na Itapeva. As artepescas e as práticas cotidianas etnografadas sugerem a circulação embarcada para acesso aos pesqueiros situados nas áreas mais profundas da Lagoa da Itapeva, bem como nos canais que ligam as lagoas (que chegam a 12m). As linhas de espera à beira mar, para papa-terra, as redes para as tainhas e corvinas da lagoa e os espinhéis para os bagres dos banhados foram propostas como a tralha básica de pesca. Imagens dessa haliêutica podem ser encontradas em Silva e Wagner (2022).

De fato, a Ictioarqueologia e a Etnoarqueologia do litoral Norte não indicam a pesca embarcada no mar raso. Menos ainda sugerem o domínio do mar de fora (Wagner & Silva, 2022). Na realidade, do Cabo de Santa Marta ao Chuí, o litoral apresenta contornos diferentes do resto da costa brasileira e, aqui, a pesca indígena se deu dentro das barras (Wagner & Silva 2021a, 2021b). A interpretação é reforçada pelos trabalhos precedentes de Gaspar, Klokler e DeBlasis (2011) e Klokler (2014) para a paleolaguna de Santa Marta.

Contudo, o trabalho de Pompeu (2021) nos força a um outro olhar. As esculturas de animais marinhos reconhecidas para o Rio Grande do Sul sugerem a circulação embarcada no mar, ainda que acreditemos tratar-se do mar raso. É importante perceber que elas apontam para um território distinto das coisas do dia a dia. Demonstram que aquilo que está sendo ordinariamente representado, não é a pesca ordinária. Pelo contrário, os zoólitos representam o extraordinário da pesca. Ao mesmo tempo, os contextos de deposição funerária, em que os animais extraordinários (de pedra)

acompanham os mortos, são marcados por festins em que as camadas preparadas apontam para a presença massiva de corvinas e bagres, justamente os animais ordinários.

Talvez refletindo um pouco sobre a escatologia indígena seja possível ampliar ainda mais essa noção sobrenatural do extraordinário. O mundo dos mortos costuma, para algumas cosmologias, estar situado dentro das águas, como é o caso dos Bororo (Viertler 1991) – ou ainda ser um limbo dos mortos, como entre os Karajá (Nunes 2012). Por falta de espaço, esse será um tópico de um próximo estudo.

## 8. REFERÊNCIAS

Adomilli, Gianpaolo. 2007. Terra e mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte – RS. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre.

Bandeira, Dione da Rocha. 1992. Mudança na estratégia de subsistência: o Sambaqui Enseada II, um estudo de caso. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis.

Barboza, Roberta, Pezzuti, Juarez Carlos. 2011. Etnoictiologia dos pescadores artesanais da Resex Marinha Caeté-Taperaçu, Pará: aspectos relacionados com etologia, usos de habitat e migração de peixes da família Sciaenidae. *Sitientibus* 11(2): 133-141.

Bernardes, Roberto Ávila, Dias, June Ferraz. 2000. Aspectos da reprodução do peixe-porco, *Balistes capriscus* (Gmelin) (*Actinopterygii*, *Tetraodontiformes*, *Balistidae*) coletado na costa Sul do estado de São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia* 17(3): 687-696.

Boas, Franz. 1916. Tsimshian mythology. *Annual Report of the Bureau of American Ethnology* 31: 27-1037.

Boas, Franz. 2014. *Arte Primitiva*. Petrópolis: Editora Vozes.

Cabral, Oswaldo Rodrigues. 1968. Da raridade dos zoólitos platiformes. *Anais do Instituto de Antropologia* 1(1): 3-20.

DeBlasis, Paulo, Gaspar, Madu, e Kneip, Andreas. 2021. Sambaquis from the Southern Brazilian Coast: Landscape Building and Enduring Heterarchical Societies throughout the Holocene. *Land* 10: 1-27.

Diegues Antonio. 2004. *A pesca construindo sociedades*. São Paulo: NUPAB-USP.

Esper, Maria de Lourdes Pereira, Menezes, Marcia Santos de, e Esper, Walmir. 2001. Época reprodutiva de *Mugil platanus* da Baía de Paranaguá. *Acta Biologica Paranaense* 30 (1, 2, 3, 4): 5-17.

Faria, Luis de Castro. 1959. *A arte animalista dos paleoameríndios do litoral do Brasil*. Rio de Janeiro: Museu Nacional.

Figuti, Levy. 1993. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 3: 67-80.

Friedman, Matt. 2008. The evolutionary origin of flatfish asymmetry. *Nature* 454: 209-212.

Garcia, Jefferson Batista. 2018. Patrimônio arqueológico: os artefatos zoomorfos e antropomorfos sambaquieiros do estado de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado, Universidade de Joinville, Joinville.

Gaspar, Maria Dulce et al. 2008. Sambaqui (Shell Mound) Societies of Coastal Brazil, in *The Handbook of Southamerican Archaeology*. Organizado por Isbell, Helaine, Silverman William, pp. 319-338.

Gaspar, Madu, Klökler, Daniela, e DeBlasis, Paulo. 2014. Were Sambaqui People Buried in the Trash? Archaeology, Physical Anthropology, and the Evolution of the Interpretation of Brazilian Shell Mounds, in *The Cultural Dynamics of Shell-Matrix Sites*, organizado por Roksandic, Mirjana et al., pp. 91-100.

Gilson, Simon-Pierre, Lessa, Andrea. 2019. Pre-colonial groups from brazilian coast and sharks: first glimpse on a complex relationship by the case study of the shallow site Rio do Meio, Santa Catarina. *Cadernos do LEPAARQ* 16 (32):156-168.

Gomes, Ângela. 2012. Perspectivas interpretativas no estudo das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral Sul do Brasil. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Gibson, Robin. 2015. Introduction, in *Flatfishes: biology and exploitation*. Editado por Gibson, Robin,

Nash, Richard, Geffen, Audrey, e Van der Veer, Henk, pp. 1-12.

Gibson, Robin, Stoner, Allan, e Ryer, Clifford. 2015. The behaviour of flatfishes, in *Flatfishes: biology and exploitation*. Editado por Gibson, Robin et al., pp. 314-345.

Gusinde, (Pe.) Martin. 1951. “Fueguinos”: *hombres primitivos de la Tierra del Fuego*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos.

Gusinde, (Pe.) Martin. 1990. *Los Indios de la Tierra del Fuego: Los Selk’nam (Tomo I)/Los Yámana (Tomo II)/Los Halakwulup (Tomo III)*. Buenos Aires: Centro Argentino de Etnologia Americana.

Hunn, Eugene. 1982. The utilitarian factor in folk biological classification. *American Anthropologist* 84(4): 830-847.

Isaac, Victoria. J. 1988. Synopsis of biological data on the Whitemouth Croaker *Micropogonias furnieri* (Desmarest, 1823). *FAO Fisheries Synopsis* 150: 1-35.

Klökler, Daniela. 2008. Food for body and soul: mortuary ritual in shellmounds (Laguna-Brazil). Tese de Doutorado, Universidade do Arizona, Departamento de Antropologia, Tucson.

Klökler, Daniela. 2012. Consumo ritual, consumo no ritual: festins funerários e sambaquis. *Habitus* 10: 83-104.

Klökler, Daniela. 2016. Animal para toda obra: fauna ritual em sambaquis. *Habitus* 14: 21-34.

Kneip, Andreas, Farias, Deisi Scunderlick, e DeBlasis, Paulo. 2018. Longa duração e territorialidade da ocupação sambaqueira na laguna de Santa Marta, Santa Catarina. *Revista de Arqueologia* 31: 25-51.

Laranjeiras, Maria Eduarda Alves. 2020. Dieta da Raia-elétrica *Narcine brasiliensis* (Olfers, 1831) (*Elasmobranchii: Narcinidae*) na costa sul do Estado de São Paulo. Dissertação Mestrado em Biodiversidade de Ambientes Costeiros, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, São Vicente.

Lanes, Carlos Frederico Ceccon et al. 2010. Sperm quality of Brazilian flounder *Paralichthys orbignyanus* throughout the reproductive season. *Aquaculture Research* 41: e199-e207.

Lima, Tania Andrade. 1991. Dos mariscos aos peixes: um estudo zooarqueológico da mudança de subsistência na pré-história do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Miller, Eurico Theofilo. 1971. Pesquisas arqueológicas efetuadas no planalto meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas), in *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, resultados preliminares do quarto ano (1968-1969)*, pp. 37-70.

Milheira, Rafael. 2005. Esculturas líticas sambaqueiras: algumas possibilidades interpretativas - reflexões a partir de uma coleção lítica do LEPAARQ/UFPEL. Monografia de Graduação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Milheira, Rafael. 2014. Zoólitos: algumas reflexões sobre as esculturas sambaqueiras, in *Arqueofauna e Paisagem*. Editado por Zocche, Jairo et al., pp. 187-208.

Mota, Arlete, Campos, Elmar C., Rodrigues, Jair D. 1983. Seletividade em redes de emalhar utilizadas na pesca de acará *Geophagus brasiliensis* (Quoy & Gaimard, 1824) (*Osteichthyes, Cichlidae*) e época de reprodução na represa de Ponte Nova, Rio Tietê, Estado de São Paulo, Brasil. *Boletim do Instituto de Pesca* 10: 119-127.

Mulato, Iuri, Pacheco, Corrêa, Beatriz, e Vianna, Marcelo. 2015. Distribuição espaço-temporal de *Micropogonias furnieri* (*Perciformes, Scianidae*) em um estuário tropical no Sudeste do Brasil. *Boletim do Instituto de Pesca* 41(1): 1-18.

Nelson, Joseph et al. 2016 [1976]. *Fishes of The World*. New Jersey: Wiley & Sons.

Nunes, Eduardo Soares. 2012. Lembrar dos vivos, esquecer dos mortos: parentesco e memória entre os Karajá de Buridina (Aruanã - GO), in *Etnologia Indígena e Indigenismo*, organizado por Pimenta, José, Smiljanic, Maria Inês, pp. 185-208.

Nunes, Moisés Ubiratan Schmidt. 2020. O conhecimento ecológico de pescadores sobre a reprodução e migração dos recursos pesqueiros em um ecossistema costeiro subtropical do Atlântico Sul. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Oricchio, Ivana. 2019. Zoólitos do Brasil Meridional: uma proposta de classificação paradigmática. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro.

Paldaof, J. M. 1899. Archeologia rio-grandense. *Revista do Museu Paulista* 4: 339-347.

Pompeu, Filipi Gomes de. 2020. O universo numa casca de marisco: arqueologia animista aplicada aos sambaquis e zoomorfos do Brasil meridional. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica

ca do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre.

Prous, André. 1974. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. *Dédalo* 10 (20):11-127.

Prous, André. 1977. *Les sculptures zoomorphes du sud brésilien et de l'Uruguay*. Paris: École de Hautes Études.

Prous, André. 2015. Esculturas de pedra, arte e fronteiras culturais pre-históricas, in *34º Panorama da Arte Brasileira: da pedra, da terra, daqui*. Organizado por Amaral, Aracy, pp. 35-100.

Prous, André. 2018. As esculturas de pedra (zoólitos) e de osso dos sambaquis do Brasil meridional e do Uruguay. *Revista Memorare* 1: 197-217.

Prous, André, Rodet, Maria Jacqueline, e Lima, Ângelo Pessoa. 2011. Les vivants et leurs morts: évocation des rites funéraires dans la préhistoire brésilienne (12000-500 BP), in *Peuplements et Préhistoire en Amériques*, organizado por Vialou, Denis, pp. 393-406.

Ribeiro, Pedro Augusto Mentz, Vooren, Carolus Maria. 2002. Um tubarão na arqueologia do Brasil. *Elasmovisor*. <http://www.sbeel.org.br/wp-content/uploads/2017/05/Elasmovisor-Junho%202002.pdf>

Ruschel, Ruy Ruben. 2003 [1966]. Sítios arqueológicos de Torres. *Revista do CEPA* 27(38): 69-112.

Santos, Adriana Portes. 1997. Estrutura populacional e aspectos alimentares e reprodutivos da Pescada-Branca *Cynoscion leiarchus* (Cuvier, 1830) (*Sciaenidae*, *Pisces*) na região estuarina da Baía de Guaratuba, Paraná. Monografia de Bacharelado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Seeger, Anthony, da Matta, Roberto, e Viveiros de Castro, Eduardo Batalha. 1979. A construção social da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional* 32: 2-19.

Serrano, Antonio. 1937. Subsídios para a arqueologia do Brasil meridional. *Revista do Arquivo Municipal*. 36(3): 3-42.

Serrano, Antonio. 1940. Los sambaquis y otros ensayos de arqueologia brasileña. *Anais do III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia* 2: 327-442.

Silva, Lucas Antônio da, Gaspar, Madu. 2019. Anzóis, redes e pescadores: reflexões sobre a arqueologia da pesca. *Revista de Arqueologia* 32(2): 4-15.

Souza, Helena Vieira Leitão de. 2012. A Coleção Balbino de Freitas e o Museu Nacional. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro.

Souza, Shirley P., Begossi, Alpina. 2007. Whales, dolphins or fishes? The ethnotaxonomy of cetaceans in São Sebastião, Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 3(9).

Tiburtius, Guilherme, Bigarella, Íris Koehler. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. *Pesquisas. Antropologia* 7: 1-51.

Tiburtius, Guilherme. 1966. O sambaqui Conquista (Nº 9). *Boletim Paranaense de Geografia* 18 (20): 71-126.

Viertler, Renate. 1991. *A refeição das almas: uma interpretação etnológica do funeral dos índios Bororo*. São Paulo: HUCITEC/Editora da Universidade de São Paulo.

Viveiros de Castro, Eduardo Batalha. 2002. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena, in *A Inconstância da Alma Selvagem*. Editado por Viveiros de Castro, Eduardo Batalha, pp. 347-399.

Wagner, Gustavo. 2009a. Sambaquis da Barreira da Itapeva, uma Perspectiva Geoarqueológica. Tese de Doutorado, PPGH, PUCRS, Porto Alegre.

Wagner, Gustavo. 2009b. A evolução paleogeográfica e a ocupação dossambaquis no litoral norte do Rio Grande do Sul, Brasil, in *Quaternário do Rio Grande do Sul, integrando conhecimentos*. Editado por Bauermann, Soraia, Ribeiro, Ana Maria, e Scherer, Carolina, Canoas: Sociedade Brasileira de Paleontologia. pp. 243-254.

Wagner, Gustavo, Da Silva, Lucas, e Hilbert, Lautaro. 2020. O sambaqui do Recreio: Geoarqueologia, Ictioarqueologia e Etnoarqueologia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 15 (2): 1-12. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0084>

Wagner, Gustavo; Da Silva, Lucas. 2021a. “Outros Pesqueiros”: Apontamentos sobre a pesca, os pescadores e os ambientes do Sul do Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências. Humanas* 16 (1): 1-10.

Wagner, Gustavo; Da Silva, Lucas. 2021b. Saberes e pesqueiros: reflexões sobre conhecimento e território na pesca tradicional do Sul do Brasil. *Revista de Arqueologia* 34(2): 63-86.

Wiener, Carlos. 1876. Estudos sobre os sambaquis do sul do Brazil. *Boletim do Museu Nacional* 1.